

**ESPAÇOS SOCIAIS, DISCURSO E A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES PARA OS
NEGROS: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

**SOCIAL SPACES, DISCOURSE AND THE PRODUCTION OF IDENTITY FOR
BLACKS: SOME NECESSARY REFLECTIONS**

**ESPACIOS SOCIALES, DISCURSO Y PRODUCCIÓN DE IDENTIDADES PARA
NEGROS: ALGUNAS REFLEXIONES NECESSÁRIAS**

Romar Souza Dias¹

Joab Mendes da Cruz²

Recebido em: 18 mar. 2023

Aceito em: 07 jul. 2023

Resumo: Discutir racismo no Brasil é extremamente importante, pois como um construto social, esse conceito tem influenciado o modo como enxergamos e compreendemos o que denominamos de realidade social: a maneira como percebemos e vivemos as nossas relações com as outras pessoas no mundo. Uma vez que o racismo é endêmico na sociedade brasileira, este artigo tem como objetivo principal refletir sobre forma como o racismo se manifesta no discurso, influenciando a maneira como percebemos o mundo social. A teoria que norteia esta pesquisa é a Análise de Discurso Crítica sob a visão de Fairclough (2003). Por essa perspectiva, discurso é compreendido não apenas como um elemento que representa o mundo social, mas também como uma tecnologia que o cria e o recria, influencia e organiza as relações dos atores sociais e contribui para a construção dos sistemas de conhecimento e de crenças. Dessa forma, discurso está intrinsecamente associado a conceitos de poder e de ideologia. A metodologia que subjaz a esta pesquisa é aquela de abordagem qualitativa. O método é o estudo de caso. Os instrumentos de coleta de dados são as narrativas autobiográficas. Os resultados apontam que o racismo é estrutural no Brasil. Ele permeia os diversos eventos sociais em que interagimos diariamente, criando, naturalizando e ratificando identidades sociais pré-determinadas para brancos e negros na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo. Eventos Sociais. Identidades. Negros. Brancos.

Abstract: Discussing racism in Brazil is extremely important, because as a social construct, this concept has influenced the way we see and understand what we call social reality: the way we perceive and live our relationships with other people in the world. Since racism is endemic in Brazilian society, the main goal of this paper is to reflect on how racism manifests itself in discourse, influencing the way we perceive the social world. The theory that guides this research is the Critical Discourse Analysis under the vision of Fairclough (2003). From this perspective, discourse is understood not only as an element that represents the social world, but also as a technology that creates and recreates it; influences and organizes the relationships of social actors and contributes to the construction of knowledge and belief systems. Thus, discourse is intrinsically associated with concepts of power and ideology. The methodology that underlies this research is that of a qualitative approach. The method is the case study.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Linguística Aplicada pela mesma universidade. Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI. Pesquisador no grupo CNPq/UnB Língua, Discurso e Representação. E-mail: rogabam@yahoo.com.br

² Graduando em Letras Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI.

The data collection instruments are the autobiographical narratives. The results indicate that racism is structural in Brazil. It permeates the various social events in which we interact on a daily basis, creating, naturalizing and ratifying predetermined social identities for whites and blacks in Brazilian society.

Keywords: Racism. Social Events. Identities. Blacks. Whites.

Resumen: Discutir el racismo en Brasil es urgente, porque como construcción social, este concepto ha influenciado en la forma en que vemos y comprendemos lo que llamamos realidad social: la forma en que percibimos y vivimos nuestras relaciones con otras personas en el mundo. Dado que el racismo es endémico en la sociedad brasileña, este artículo tiene como objetivo principal reflexionar sobre cómo el racismo se manifiesta en el discurso, influyendo en la forma en que percibimos el mundo social. La teoría que guía esta investigación es el Análisis Crítico del Discurso bajo la visión de Fairclough (2003). Desde esta perspectiva, el discurso se entiende no solo como un elemento que representa el mundo social, sino también como una tecnología que lo crea y recrea, influye y organiza las relaciones de los actores sociales y contribuye a la construcción de sistemas de conocimientos y creencias. Así, el discurso está intrínsecamente asociado a los conceptos de poder e ideología. La metodología que subyace a esta investigación es la de un enfoque cualitativo. El método es el estudio de caso. Los instrumentos de recolección de datos son las narraciones autobiográficas. Los resultados indican que el racismo es estructural en Brasil. Permea los diversos eventos sociales en los que interactuamos cotidianamente, creando, naturalizando y ratificando identidades sociales predeterminadas para blancos y negros en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Racismo. Eventos Sociales. Identidades. Negros. Blancos.

1. Introdução

O racismo é endêmico na sociedade brasileira. Essa estrutura social colabora para a construção identitária negativa de nosso povo, forçando-nos a trilhar um viés à margem dos eventos sociais. Tendo em vista esta asserção, este artigo tem por objetivo principal refletir sobre forma como o racismo se manifesta no discurso, influenciando a maneira como percebemos o mundo social. Entender as implicações de raça nas práticas sociais e apresentar alternativas que estimulem a agência do homem negro frente à ação do racismo são alguns objetivos específicos deste trabalho.

O desenvolvimento dessa pesquisa é necessário, visto que essa temática ainda carece de mais estudos na sociedade brasileira. Estudos anteriores, a exemplo, a pesquisa de mestrado de Souza Dias (2013), intitulada *Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês: uma questão de identidades*; a pesquisa de doutorado de Silva (2009) que tem por título *A construção social de identidades étnico-raciais: uma análise discursiva do racismo no Brasil* e a pesquisa de mestrado de Santos (2021) cujo título é *A construção de identidades no livro didático de língua estrangeira: uma perspectiva crítica* atestam o fato de o racismo ser endêmico na sociedade brasileira e que, de fato, afeta a

relação que as pessoas mantêm umas com as outras. O presente artigo, derivado de leituras anteriores, a exemplo as que nós aqui citamos, permitiu-nos pensar não apenas a existência do racismo em nossa sociedade, mas também a forma como ele age nos ambientes sociais, interferindo na maneira como os atores compreendem a si mesmos e ao seu entorno social. Pelo fato de sermos negro e observando a baixa representatividade de nossa gente nos espaços sociais considerados de prestígio, propusemos um trabalho autobiográfico, uma vez que acreditamos fortemente que este tipo de pesquisa colaborará para o fato de não apenas comprovar a existência do racismo, mas e mais importante, estabelecer estratégias para a sua desconstrução.

O trabalho está dividido em cinco partes incluindo a introdução. Na segunda parte apresentaremos o referencial teórico que norteia essa pesquisa, a saber, o conceito de discurso. Na terceira parte, apresentaremos o referencial metodológico em que refletiremos sobre o tipo de pesquisa e o método de análise dos dados. Na quarta parte, analisaremos e discutiremos os dados e na última parte, apresentaremos as nossas considerações finais.

Porém, antes de passar para a fundamentação teórica, gostaríamos, neste momento, de explicar o que entendemos por raça e por classe.

1.1 Sobre o conceito de raça e de classe

Desassociar as categorias de classe e de raça no Brasil é algo complexo, uma vez que raça foi uma tecnologia criada pelo estado para definir a posição da população negra em relação à população branca. Essa percepção do lugar do homem negro em relação ao homem branco no Brasil contempla toda a esfera social, constituída culturalmente por um imaginário coletivo. Assim, a força que a raça exerce na construção da classe na sociedade brasileira é resultado direto do racismo. Como categoria criada socialmente a partir das lutas/imposições do poder, a raça exerce um papel fundamental na construção de hierarquia, desigualdade e alienação que nos tem arremessado aos espaços marginais da sociedade brasileira. O discurso de raça ratifica e reforça a estruturas simbólicas que, por sua vez, produzem e reproduzem identidades estigmatizadas e estereotipadas para nós negros.

Uma vez que categorias de classe e de raça no Brasil interseccionam-se e estão atreladas às questões sociais, compreendemos classe como algo oriundo da raça. Assim, afirmamos que raça constitui a classe e essa última é precípua para manter a marginalização e desigualdade por processos culturais de reprodução ideológica. A identidade social de classe influencia a forma como enxergamos o contexto social. Para que isso ocorra, é necessário que haja um investimento na construção de uma cognição coletiva de forma que possamos aceitar, de

maneira natural, as identidades preestabelecidas derivadas de posições sociais demarcadas. Isto posto, passaremos, então, ao referencial teórico.

2. Discurso como prática social

O conceito de linguagem que norteia este artigo está fundamentado na concepção de discurso como prática social. Nas práticas sociais, o discurso é compreendido pelo seu viés funcional, pois é somente por meio dele que podemos agir, representar e identificar a nós mesmos, aos outros e as coisas no mundo social. Dessa forma, o discurso exerce um papel fundamental na maneira como compreendemos a nossa relação com o mundo.

As representações sociais são resultado das ações de pessoas sobre outras pessoas e sobre o mundo social e revelam modos particulares de ver e compreender o entorno em que nos encontramos. Os atores são constituídos nas relações de poder, fruto de estruturas ideológicas construídas ao longo de um recorte histórico e cultural. Essas estruturas materializam-se nas práticas sociais no momento de produção de significados. A estrutura ideológica de raça, por exemplo, objeto de estudo deste artigo, posiciona as pessoas de acordo com as suas características físicas, culturais, raciais e/ou étnicas.

Nessa perspectiva, a constituição dos mais variados espaços sociais pode ocorrer de forma natural, muitas das vezes, sem reflexão crítica. Nesse modo de pensar, discurso está intrinsecamente associado ao poder e à ideologia. No subtópico seguinte, abordaremos mais sobre essa questão.

2.1 Discurso, poder e ideologia

Sob a perspectiva da ADC, as ideologias são representações de aspectos do mundo que contribuem não apenas para a manutenção da hierarquia social, mas também para as mudanças das relações de poder e de dominação, ou seja, ela é um elemento central nas relações de poder. Dessa forma, compreendemos a ideologia não apenas como um instrumento semiótico de luta de poder que sustenta relações de desigualdade, mas também como um instrumento essencial para romper com os sistemas de conhecimento e de crenças que privilegiam certos grupos.

Para esta pesquisa, uma vez que a branquitude tem o poder de representar a si mesma e aos aspectos do mundo de acordo com o seu ponto de vista, acreditamos que os espaços sociais são demarcados pela presença de sua forma de pensar e de agir. Por isso, achamos muito

oportuno pensar a questão racial, levando em conta a articulação dos conceitos de discurso, poder e ideologia para a constituição e organização do mundo social.

2.2 Discurso e sociedade

Para a ADC, a sociedade é compreendida como um conjunto de momentos (elementos) que dialogam entre si, porém irreduzíveis uns aos outros. Esses elementos são o mundo material, as pessoas e o discurso. As pessoas, ao fazerem uso do discurso, influenciam o meio em que se encontram através do estabelecimento de parâmetros culturais construídos por sistemas binários de representação em que um elemento recebe uma conotação positiva e o outro, uma conotação negativa.

As pessoas em posição de privilégio usam de ideologias visando a construção de uma interpretação de mundo que esteja a serviço de seus interesses próprios. Elas fazem isso através da construção de sistemas de conhecimentos e de crenças relacionados à parâmetros culturais, nacionais e estéticos em que elas são o centro desses parâmetros. Esses sistemas de conhecimento e de crenças relacionados à pretensa superioridade de uma raça sobre outra ou à pretensa superioridade de uma estética sobre outra são divulgados no meio social e são, muitas vezes, consumidos sem reflexão crítica. Dessa forma, a ADC, de acordo com a visão de Fairclough (2003), compreende qualquer sociedade como contextualmente regida por relações assimétricas de poder. Compreende as ideologias como um elemento resultante das interpretações de grupos que estão em constante disputa para afirmação de seus interesses particulares. Posto isto, passemos agora ao referencial metodológico.

3. O percurso metodológico

Nesta seção, apresentamos o referencial metodológico que inclui a abordagem, o tipo de pesquisa, bem como o método de análise dos dados.

3.1 Pesquisa qualitativa

Este trabalho se insere na modalidade de pesquisa qualitativa por estar relacionado ao campo social. De acordo com Minayo (2001, p. 57), a pesquisa qualitativa é uma abordagem científica que “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, produtos das interpretações que os homens a respeito de como vivem, constroem seus artefatos

e a si mesmos, sentem e pensam”. Levando em consideração a asserção do autor (*cit. op.*), os pesquisadores sociais tentam interpretar as ações dos atores a partir dos efeitos do discurso que os constituem.

A pesquisa qualitativa torna-se, dessa forma, um caminho essencial para a compreensão das realidades sociais ofertando um leque de infinitas possibilidades de interpretações dessas realidades, as quais remetem a construção de conhecimentos específicos que contribuem para a confecção de saberes. No que diz respeito a nós, negros e negras, na sociedade brasileira, esses saberes fazem referência ao nosso entorno social, ao nosso modo de vida e à construção de nossa subjetividade.

3.2 Tipo de pesquisa e instrumento de coleta dos dados

O tipo de pesquisa abordado nesse trabalho o estudo de caso, de acordo com a visão de Yin (2001). O estudo de caso é pertinente, pois parte da visão individual para a coletiva. Nesta pesquisa, as autobiografias analisadas, instrumento de coleta de dados, contemplam o negro brasileiro enquanto grupo social. Através desse instrumento de coleta, nós, enquanto atores sociais negros temos a oportunidade de materializar nossas vivências e experiências. Esse instrumento de coleta, alocado neste tipo de pesquisa é pertinente, uma vez que as narrativas possibilitam precisão dos fatos narrados em forma de denúncia do racismo em nossa sociedade.

As ações dos atores sociais devem ser analisadas por um método de interpretação que leva em consideração a relação entre os eventos específicos de interação, as macroestruturas sociais e os atores. Passemos a esse ponto no tópico seguinte.

3.3 O método interpretativista

Moita Lopes (1994) afirma que a origem da visão interpretativista está embasada na sociologia e na antropologia, as quais mantêm o foco principal no contexto social como motivador das ações dos participantes. Sobre o fato de fazer investigação de cunho social, o pesquisador (Moita Lopes, 1994, p. 331) assevera que "não podemos ignorar a visão dos participantes para investigar o mundo social". Assim, para o que propomos neste artigo, não há como ignorar a nossa visão de mundo. Uma vez que o meio social influencia a subjetividade dos atores, é necessário trazer as visões de mundo de grupos minoritários para lançar entendimento sobre a forma como as desigualdades são legitimadas e mantidas. Porém, antes

de passar para a análise e discussão dos dados, gostaríamos de explicar como se deu a coleta e organização dos dados.

3.4 Coleta e organização dos dados

Como atores negros, nascidos e crescidos em um país racista, desde crianças somos forçados a refletir sobre a nossa condição racial. O modo de ser, estar e sentir o mundo de atores negros, em nossa sociedade, sempre foi movido pela desconfiança, pelo entendimento que há algo em descompasso com o que almejamos. Oriundos de família pobre, desde cedo, aprendemos que lutar pela sobrevivência é importante. Porém, ao longo do percurso, vamos amadurecendo e vamos aprendendo que há outras possibilidades melhores, diferentes daquelas que nos são reservadas pelo meio social.

Acreditamos que é isso o que acontece com todos os atores negros brasileiros que sentem na pele o desconforto que o racismo nos faz sentir todos os dias em nossas interações. Quando crianças, temos algo a contar, quando adolescentes temos algo a contar, quando adultos, temos algo a contar e quando na idade senil, temos algo a contar. Sempre temos experiências a contar sobre a nossa relação com o racismo. Tendo isso em mente, sobre as nossas narrativas, apresentaremos apenas dois recortes de duas delas.

Temos consciência da linearidade, da consistência do efeito do racismo na constituição de nossa subjetividade. Neste artigo, não é nosso objetivo traçar uma genealogia experimental do racismo. Seleccionamos apenas dois recortes de duas narrativas para refletirmos sobre discurso, raça e classe. Posto isto, passemos, agora, a análise e discussão dos dados.

4. Análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresentaremos dois relatos autobiográficos, um de cada autor deste trabalho. Em um primeiro momento, apresentaremos as narrativas. Em um segundo momento, procedemos à explicação e à interpretação dos dados de acordo com o conhecimento teórico que temos, baseado na ADC e em nossas experiências como homens negros no contexto brasileiro. Vale aqui, salientar que as narrativas autobiográficas são resultado de nossa interação nos contextos sociais por onde temos transitado e de onde a nossa identidade e subjetividade foram forjadas. Vale também salientar que, tendo em vista que o texto, resultado da interação de contextos macro e microssociais, carregam em si marcas das estruturas macrossociais. Os relatos estão organizados da seguinte maneira: para relato 01, 02 do primeiro autor, J01, J02.

Para relato 01, 02 do Segundo autor, R01, R02, sendo que o J e o R são as iniciais maiúsculas de nossos nomes.

4.1 A construção do negro e a demarcação de seu lugar social

J01: Ainda quando criança, comecei a vender geladinho nas ruas da cidade em que morava. Naquela época, estudava em uma escola que, apesar de ser pública, era frequentada por muitos alunos da alta classe social. Assim, em meu trabalho nas ruas, tentava ao máximo não ser visto pelos meus colegas, porém quando era visto, me batia um sentimento de inferioridade e de vergonha. Naquele mesmo período, surgiu um projeto social na prefeitura: estavam distribuindo caixas para engraxar sapatos. De imediato, julguei que seria mais interessante engraxar sapatos do que vender geladinho, sendo que a concentração de engraxates era no centro da cidade, praça conhecida como Praça do BRADESCO. Iniciei essa nova atividade, e mesmo assim, a vergonha ainda permanecia. Logo, surgiu uma oportunidade de engraxar sapatos em um salão de beleza bem localizado e frequentado pela elite da cidade: um ambiente aconchegante, com ar condicionado, coisa que não tinha acesso em minha vivência. No salão, aos poucos, ia entrosando com os quatro barbeiros e um deles ainda cortava meu cabelo de graça! (**Fonte:** o autor, 2023).

R01: Minha família era composta por apenas cinco pessoas: eu, meu pai, meus dois irmãos e minha irmã. Quando criança, a nossa vida não foi nada fácil. Quando eu e meus irmãos éramos bem pequeninos, passamos por muitas dificuldades: não tínhamos casa própria, morávamos de favor e, muitas vezes, nos faltava o que comer. Meu pai e minha mãe, pessoas negras, lutaram como puderam para cuidar da família. Meu pai era vigilante do Centro Social da cidade e minha mãe cuidava da família. Aos cinco anos de idade, eu, meus irmãos e minha irmã, quebrávamos pedras na frente de casa³ para vender para a construção civil. Aos oito anos de idade, eu e meus dois irmãos mais velhos carregávamos feira às sextas-feiras e aos sábados. Era a forma que tínhamos para ajudar nas despesas de casa. Mesmo com tanta dificuldade, minha mãe sempre nos incentivava a estudar. Tínhamos a obrigação de tirar notas boas. Ela, sempre que podia, com o pouco recurso que ‘sobrava’, comprava alguns livros para a gente ler nos tempos de folga que eram raros. Não tolerava falta na escola. Escola, em casa, era sinônimo de obrigação. Minha mãe sempre deixou isso bem escuro para nós (**Fonte:** o autor, 2023).

Essas narrativas representam a realidade da maioria das crianças e adolescentes negros e negras pobres do Brasil. Embora nós, negros e negras, representemos a maioria populacional da sociedade brasileira, cerca de 56,3%, de acordo com os dados do IBGE (2015), ainda ocupamos os espaços marginalizados no que diz respeito ao acesso aos bens sociais, sejam eles materiais e/ou simbólicos.

³ Naquele tempo, as famílias de baixa renda procuravam pedras pela cidade, amontoavam-nas nas frentes de suas casas e quebravam essas pedras. As pessoas que trabalhavam na construção civil passavam e compravam as pequenas pedras para fazerem os vigamentos de suas casas. Toda comunidade pobre, periférica da cidade de Caetité na década de 80 tinha um amontoado de pedras quebradas na frente de suas casas.

Uma vez que a raça é compreendida como uma construção social, não devemos ignorar a importância que o discurso exerce para produção e reprodução de ideologias que tentam nos firmar em posições subalternas/estereotipadas. Sobre isso, Souza (1983, p. 53) afirma que “a sociedade escravista ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social”.

Esses discursos, conforme afirma a pesquisadora (Souza 1983), uma vez veiculados no contexto brasileiro, ainda no Brasil colônia, colaboraram para a construção de posições sociais para brancos e negros, posições essas que perduram até os nossos dias. A definição do negro como raça tem consequências sociais materiais reais.

De acordo com Fairclough (2003), o discurso constrói o mundo social e os seus efeitos constitutivos servem para a produção de sistemas de conhecimento e de crenças que, por sua vez, constroem identidades sociais e organizam as relações das pessoas. Essa noção de discurso está acoplada aos conceitos de poder e de ideologia. Por essa perspectiva, as pessoas que ocupam posições de privilégio têm o poder de representar o mundo de acordo com o seu ponto de vista. Tendo isso em mente e observando o Brasil colônia, as relações sociais foram estabelecidas e interpretadas de acordo com a visão do europeu. Ao estabelecer-se no Brasil, o europeu trouxe consigo a conjuntura sociocultural engendrada no racismo científico que predominava na Europa à época: sistemas de conhecimentos e de crenças que tinham como objetivo a definição do negro como raça inferior. Essa perspectiva ideológica serviu como justificativa para demarcar a posição social do negro no Brasil. Assim, era necessário, portanto, construir um contexto cultural fundado em um inconsciente coletivo motivado para naturalizar as relações sociais entre brancos e negros.

A construção desse inconsciente coletivo no contexto cultural brasileiro se deu na produção do africano na condição de negro. Assim o signo linguístico ‘negro’ se constituiu a partir de um significante linguístico motivado, um significante construído dentro de um sistema cultural binário de representação, cujo significado estava imbuído de valores negativos. Dessa forma, a diferença, ao ser inscrita no discurso de forma negativa, também vem a ser a sua cultura, a sua forma de ver e sentir o mundo.

Esse tipo de inscrição linguística no ator social apresenta duas implicações: a marginalização material e a marginalização simbólica. Tendo em vista o primeiro ponto e voltando as nossas narrativas, observamos que, enquanto atores sociais negros, nascemos de famílias pobres. Assim como no nosso exemplo, a maioria de crianças nascidas de famílias pobres na sociedade brasileira, perdem parte de sua infância, pois têm que dividir o tempo, ora

para trabalhar, ora para estudar. As crianças nascidas de famílias pobres no Brasil são obrigadas a amadurecer mais rápido do que as crianças brancas. Perdem a inocência de criança assim que atingem condições físicas necessárias para ajudar no mantimento da casa. Desde cedo, somos obrigados a reconhecer a necessidade do trabalho árduo, pois a sobrevivência é muito importante, é essencial para continuarmos pensando em um futuro melhor. Sobre a segunda implicação, analisemos a continuação das narrativas, a seguir.

4.2 Raça e classe e a reprodução das identidades sociais

J02: Toda vez que chegava ao salão de beleza, eu era induzido a cumprimentá-los [os quatro barbeiros] com boa noite, mesmo sendo dia. Sempre quando eu ia embora, era induzido a dar um Feliz Natal, mesmo que não era a época do ano. Quem via esse comportamento achava graça, ria, e as piadas surgiam, tais como: *o preto tinha que ter apenas dois dentes, um pra abrir lata e outro para doer a noite toda, preto só entra na igreja pra chamar o branco de irmão, o sonho do preto é casar com uma branca, pra apurar a raça, preto só tem juízo de manhã até meio dia*. Mesmo assim, para mim, a situação era confortável, pois, estava fora do alcance do olhar dos colegas e estava em um meio que provavelmente eu não teria acesso. Em nenhum momento alguém deles cessava as piadas. Pelo contrário, sentiam-se bem à vontade pelas chacotas. Essas práticas repetiam cotidianamente, de forma que eu via com naturalidade e automaticamente concordava com o que via e ouvia. Julgava estar no lucro! (**Fonte:** o autor, 2023)

R02: A escola era um lugar muito bom, pois ali, além do conhecimento, havia merenda, e muita! Não via a hora de chegar o terceiro horário para comer. Naquele tempo, a merenda era servida nas próprias salas de aula. Eu comia e repetia quantas vezes quisesse! Havia muita comida e era maravilhoso! Porém, o fato de eu repetir várias vezes gerava risadas na sala. Os colegas já me olhavam com a cara de risos antes de a merenda chegar na sala. Eu sentia aquilo, mas achava mais importante a comida. Porém, nunca me esqueci dos apelidos [nego preto do sovaco fedorento, nego passa fome, torrado, neguin], geralmente proferidos nos intervalos, na saída da escola e/ou nas ruas, uma vez avistado pelos colegas de classe e das gargalhadas que seguiam, posteriormente. (**Fonte:** o autor, 2023)

Os signos linguísticos não apenas descrevem as coisas do mundo, eles constroem essas coisas (Austin, 1990). A descrição é uma forma ideológica que na realidade performa coisas no mundo social. Isso porque os adjetivos sempre trazem consigo valores, uma vez que são fabricados dentro de um contexto binário de representação. Nessa perspectiva, não há discurso neutro, ele é sempre motivado, é sempre usado com uma intenção. No caso das duas narrativas, o discurso é explicitamente racista. As palavras são proferidas para ofender, para machucar e para minar a autoestima de nossa gente. O discurso é usado como uma condição para nos manter marginalizados. Uma vez proferidos, esses signos linguísticos atuam em nossa cognição,

afetando a percepção que temos do mundo e de nossa relação com esse mundo. Assim, o discurso, quando é produzido e reproduzido pelas instituições sociais em contextos específicos de interação, a exemplo, em nossas narrativas, no salão de beleza e na escola, gera o inconsciente coletivo, uma espécie de significado linguístico que concebe *a priori* representações sociais positivas e negativas para as pessoas e para as coisas do mundo.

Tendo isso em mente, e retomando as narrativas, as sentenças do tipo: *o preto tinha que ter apenas dois dentes, um pra abrir lata e outro para doer a noite toda, preto só entra na igreja pra chamar o branco de irmão, o sonho do preto é casar com uma branca, pra apurar a raça, preto só tem juízo de manhã até meio dia* (relato **J02**) e constituintes do tipo *nego preto do sovaco fedorento, nego passa fome, torrado e neguin* (relato **R02**) exemplificam essa questão. A ridicularização racista contribuiu para a branquitude exercer a suposta imposição hierárquica. Sentenças desse tipo constituem uma tentativa de demonstrar que o negro é inferior. Uma ação ideológica que, a nosso ver, impõe a tentativa de posicionar a nossa gente em situação de menos favorecimento social, uma vez que atua sobre a nossa cognição, afetando diretamente a nossa autoestima.

Por ser estrutural, o racismo, por meio de aspectos linguísticos ideológicos, reforça os vieses inconscientes construídos por séculos em nossa sociedade, colaborando para legitimar uma agressão, muitas vezes maquiada de brincadeira, como atestam as narrativas J02 e R02. Ainda sobre a ação desse tipo de ideologia, Souza (1983) afirma que é muito provável que uma criança que esteja em processo de formação identitária, ao sofrer agressões simbólicas do tipo das que nós sofremos, pode ter o seu futuro pessoal e profissional prejudicados.

4.3 Sobre discurso, raça e classe: algumas reflexões necessárias

Raça constitui os campos sociais e determina os espaços que serão ocupados por negros e por brancos na sociedade brasileira. O estereótipo racista perpetua-se diariamente com o objetivo de manter a hegemonia racial branca. Para combater o racismo, acreditamos que é necessário o desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre a forma como ele age nas práticas sociais, organizando a relação das pessoas de modo que elas assumam posições pré-determinadas. A consciência linguística crítica é uma arma muito poderosa para romper com ciclo escravista gerado pelo período colonial.

Assim, não ser racista não é suficiente. Apenas dizer que não é racista não impede a ação do racismo. Ser antirracista, é fundamental. É estar consciente de que o discurso é motivado e carrega valores culturais que representam o mundo e as coisas no mundo. É

estarmos conscientes de que o discurso, ao representar o mundo, performa coisas no mundo. Essa consciência é importante, pois acreditamos que é a partir dela que nós, negros e negras brasileiros, devemos incansavelmente continuar a combater o racismo, denunciando os privilégios do branco e exigindo respeito para a nossa gente.

5. Considerações finais

Nosso intuito é que a discussão aqui proposta possa levar as pessoas a se interessarem pelo letramento racial crítico. Trabalhos como este precisam ser difundidos para que nossa gente possa ler as nossas experiências com o racismo e compreender que a interpretação social em que vivemos não expressa a nossa forma de ver e sentir o mundo. Trabalhos como este precisam ser difundidos para mostrar a nossa gente que é necessário empenho para o desmantelamento da ordem social racista vigente. Os sistemas de conhecimento e de crenças, uma vez oriundos da branquidade, tem construído a branquitude como o modelo ideal imposto.

Uma vez que os eventos sociais em que interagimos quotidianamente são regidos por relações assimétricas de poder que tentam ofertar a nós, negros e negras, posições sociais marginalizadas, é necessário empenho através da construção de um (in)consciente coletivo em que a nossa gente seja representada de forma positiva e justa.

O signo linguístico ‘negro’ antes sinônimo de negatividade tem sido reapropriado pelo movimento negro e tem sido ressignificado. O significado para o significante do signo ‘negro’ tem sido reconstruído de forma positiva através de ações reais que visam a representatividade positiva de nossa gente. Hoje, apesar de paulatina, temos visto mais negros e negras assumindo papéis de destaque no meio social, midiático. Nas universidades, por exemplo, temos trazido referências negras para leitura e debate sobre a construção do conhecimento. Nas famílias, vemos pais e mães mais conscientes de sua negritude e ensinando os seus filhos e as suas filhas a terem orgulho de seus traços morfológicos e de seus cabelos. Isso tudo graças à informação. Graças à consciência de que uma vez inscritos no discurso, não há outro lugar para a ressignificação identitária a não ser pelo mesmo viés que criou as raças. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas nos conduzam a desenvolver estratégias de resistência, enquanto agentes das relações de poder e de ideologia, tornando-nos protagonistas de nossas próprias histórias.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with the words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1990.

BRASIL. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Relatório Estatístico. Brasília: Ipea; IBGE, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse** – Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. D.E.L.T.A., n. 10, p. 329-338, 1994.

SANTOS, Marcelo Sousa. **A Construção de Identidades no Livro Didático de Língua Estrangeira: uma perspectiva crítica**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Francisca Cordelia Oliverira da. **A construção Social de Identidades Étnicos Raciais: Uma Análise Discursiva do Racismo no Brasil**. Tese (Doutorado): Universidade de Brasília. Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4180>. Acesso em 22/03/2021.

SOUZA DIAS, Romar. **Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês: uma questão de identidades**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013, 161p.

SOUZA DIAS, Romar. **Ensino de inglês no contexto superior: analisando conceitos de identidades de raça e de classe por uma perspectiva crítica**. Tese (Doutorado): Universidade de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/Romar/Downloads/2021_RomarSouzaDias%20\(28\).pdf](file:///C:/Users/Romar/Downloads/2021_RomarSouzaDias%20(28).pdf). Acesso em 18 mar. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.